

A ABELHA.

PERIODICO UNIVERSAL.

N. 44.

Terça-feira 15 de abril de 1856.

1.º Anno.

Publica-se nos dias 15 e ultimo de cada mez. As correspondencias e reclamações devem ser dirigidas ao escriptorio da redacção, na rua do Sabão n. 45, onde se recebem assignaturas por 6\$000 por anno para a corte, e 4\$500 para as provincias.

A ABELHA.

Motivos que não vem a pello aqui expor obrigarão nos a não dar hoje a continuação do artigo—Academias de Sciencias Naturaes; ao mesmo tempo que um impedimento de um dos nossos collaboradores privou-nos do prazer de dar tambem a Chronica da Quinzena.

Devem estar lembrados os nossos leitores que das sementes remetidas de Paris pelo Sr. Sturtz vierão algumas de Mogono. Comquanto não pouco decahido da moda em França o mogono nunca deixará de ser uma das madeiras mais apreciadas. E, já que agora podemos contal-o entre as nossas importantes accquisições, cumpre-nos aproveitar as vantagens que nos podem provir do seu plantio e cultura.

Demos mais uma irmã a nossa já riquissima collecção de madeiras preciosas, que tanto despresamos por essa estranha, que agora vem entre nós naturalisar-se, e pela qual tanto dinheiro despndemos.

O nosso governo cuida pouco d'estas cousas, tenão haviamos de recomendar-lhe que procurasse naturalisar tambem a Teca, o Carvalho e outras arvores da Asia e Europa, e que fizesse grandes esforços pelo plantio das nossas que empregamos nas construcções e marcinaria, e que acossadas pelo ferro e pelo fogo barbaro vão cada dia afastando-se mais do litoral.

O governo da antiga metropole parece que se deo mais a estas cousas. Ahi adiante apresentamos um documento d'isso. Essa carta do chefe de divisão Luiz d'Abreu que diz que

roubou para ser util ao seo paiz revela um patriotismo quasi selvagem, mas é tambem uma solemne lição. Custa a crer como uma monarchia em demazia corrompida, e prestes a despenhar-se possuia ainda homens em cujas veias circulava sangue tão ardente pelo amor da patria.

Na reunião dos Srs. accionistas da companhia seropedica, que ha dias teve lugar, derão a sua demissão os Srs. presidente, secretario, e thesoureiro. Adiante damos a exposição que fez o Sr. superintendente do estabelecimento de Itaguahy acerca dos melhoramentos que exige tão importante objecto.

Deos queira que na nova reunião, que deve ter lugar n'estes dias os Srs. accionistas se compenbrem das vantagens que nos podem vir da continuação e engrandecimento de uma industria, de que tantos resultados tem tirado outros paizes.

Lamartine é um nome muito popular entre os nossos homens de letras, e os productos de sua elevada intelligencia, que tanto relevo ainda adquirem pela fórma que lhes sabe dar, são por demais apreciados para tentarmos actualmente tem entre mãos.

tecer elogios acerca d'uma publicação que

E' para essa publicação sob o nome de — *Cours Familier de Litterature* — que recebemos assignaturas a 12\$000 por annuo escriptorio da redacção da *Abelha* na rua do Sabão n. 45.

Como os leitores verão damos quasi no fim d'este numero na parte competente, uma resposta de Lamartine a uma Ode, que tambem publicamos, que lhe foi offerecida por um dos nossos distinctos patricios.

Escapou-nos no numero antecedente agra-

decer, o que fazemos agora, ao nosso joven e esperançoso amigo o Sr. Bocayuva as expressões são benevolas, porém por demais excessivas, com que se prestou a acceitar a colloboração d'este periodico.

A Companhia Brasileira de Paquetes de Vapor:

A apresentação do relatório da companhia brasileira de paquetes de vapor, a sua quasi coincidência com a chegada do primeiro paquete da linha do Havre, a prosperidade sempre constante d'essa companhia, e a concorrência de mais um competidor que vai ter em parte da linha percorrida pelos seus barcos, vierão despertar-nos algumas observações que tivemos occasião de fazer, não ha muito tempo, em que uma viagem que effectuamos em um d'esses mencionados barcos.

Vamos por tanto aqui apresentar o que vimos, que por demais nos tem sido confirmado por muitas pessoas sinceras, que depois tem embarcado n'esses e outros vapores da companhia.

Não é um espirito malevolo eivado de maledicencia, nem ao menos o desejo de censurar por censurar que nos impelle a levantar a nossa debil voz.

E' com a melhor intenção que o fazemos e em favor da dignidade da companhia e d'este pobre Brasil. Abstemos-nos de quaesquer reflexões sobre os factos que vamos apontar. Os Srs. accionistas que meditem sobre a importancia d'elles, e pensem qual o juizo que a cerca das nossas cousas, por inducção, deva fazer o estrangeiro delicado e observador que emprender viajar nos vapores da companhia.

Quem tiver viajado nos navios das companhias que explorão a linha do norte do Brasil, ou quem ao menos se der ao trabalho de comparar o que n'elles se passa, não pôde deixar de ficar sorprendido da desproporção dos preços das passagens, exigidos pela companhia brasileira, e pelas transatlanticas. Essa desproporção não devemos procural-a só na pequena differença do valor da moeda exigida, mas sim na reunião d'essa differença e das commodidades offerecidas aos passageiros.

Uns são navios amplos e aceiados, que por isso mesmo apresentam mais recursos contra os encommodos do enjoio e do calor. Os outros tem commodos em proporções exiguas; a sua pequenez torna mais sensiveis os balanços e as evaporações provenientes das aguas accumuladas nas cavernas, e de todas as substancias n'elles amontoadas e obriga o passageiro, que não fuma a metter-se em um camarote mui quente, ou a respirar o a rimpregnado da fumaça em demasia enjoativa, no mar dos charutos que fumão os seus companheiros apinhados.

O passageiro que entra para o camarote de um vapor inglez acha cama feita, espelho, garrafas com agua, copos, uma bacia de rosto, jarro de agua etc., tudo no maximo aceio. No vapor brasileiro quasi nada d'isso se encontra. Por cama dão-lhe uma enxerga e um colção com um travesseiro pequeno e duro. sem nenhuma roupa, e não fallemos em aceio. Nada de espelho, moringa ou cousa semelhante com agua, nada de copos, muitas vezes falta a bacia de rosto, o jarro d'agua; ha porém uma cousa que é um vaso immundo que empesta o camarote e que os creados nunca tem o cuidado de aciear.

Nos vapores transatlanticos o serviço do aceio do camarote é feito com toda a regularidade todos os dias; nos brasileiros não se trata absolutamente d'isso. Para alguma cousa se fazer é preciso pedir, rogar, tornar a rogar aos criados. Parece que esses *senhores* são dispensados de certas obrigações bem indispensaveis, e que não são sujeitos a uma direcção regular.

Ha uma excepção a tudo isso. E' o Paraná que apresenta por ora todo o conforto de um vapor inglez. Mas qual a razão d'essa anomalia?

A vista d'esse estado de cousas alguns passageiros como que se julgão dispensados de cumprir certas attensões que o homem polido deve guardar na sociedade. Apresentão-se á mesa com os cabellos desgrenhados, e mal vestidos, travão-se muitas vezes de razões, tendem a desafogar-se com vias de facto, e blasphemão em altas vozes contra a companhia. A familia, ou o homem honesto que está no seu camarote ouve não poucas vezes conversas e ditos bem grosseiros.

Terminamos declarando muito solemnemente, que nos abstivemos de fazer quaes quer commentarios, limitando-nos a apresentar sómente certa ordem de factos em geral, com o proposito firme de que nos não escapasse qualquer palavra ou idéa que parcesse offensiva á companhia, ou a quem quer que seja; e que muito desejamos que a companhia tomando em consideração o que levamos dito, eleve os seus vapores áquelle gráo de aecio, esplendor mesmo, e moralidade compatíveis com os seus grandes recursos, e com a dignidade da nação.

Exposição que fez sobre os melhoramentos que reclama o estabelecimento Seropedico de Itaguahy o respectivo superintendente.

« Srs. accionistas. — Depois que me escusei de exercer o cargo de superintendente da Imperial Companhia Seropedica Fluminense, pelas razões que hoje desnecessario é declarar, tornei a occupar esse lugar, e a prestar os mesmos serviços que até então prestei, compatíveis com as minhas forças, e com a mesma dedicação.

« Disse eu na occasião que continuei a exercer esse cargo que o faria até a presente reunião, onde apresentaria minhas idéas a respeito d'esta industria. Vou, pois, satisfazer esse voluntario compromisso.

« Srs. accionistas. A industria setifera é do numero d'aquellas que apresentam um interesse remoto; felizmente porém, o estado actual do estabelecimento seropedico, que está montado com esmero e intelligencia, approxima-nos dessas vantagens que a empresa promete; todavia para que d'elle se tirem os resultados desejados é necessario que se construa um outro viveiro, que se montem mais machinas de fiar, e estas pelo systema de serem tocadas as rodas a vapor, fazendo-se casa apropriada para isso, que se amplie a cultura da amoreira, comprando-se as terras necessarias; que se engagem operarios trabalhadores em numero conveniente, que se construão as casas para alojamento d'elles e outros mysteres indispensaveis que um estabelecimento d'esta ordem deve possuir; e finalmente que se mandem vir da Europa novas sementes de bixo de seda para melhorar pelo cruzamento a raça existente no estabelecimento, já deteriorada pela sua longevidade, do que resultará o quadruplo do producto que actualmente se tira com a raça existente. Tudo isto, senhores, por um calculo approxi-

mado, incluindo 10% sobre todo o seo valor para qualquer eventualidade, monta de 113,000\$ a 114,000\$.

« Os lucros que nós poderemos obter são sem duvida alguma de 20 %. Estes lucros não são problematicos por uma razão bem sabida de que toda a industria agricola que depende da folha e não do fructo produz uma colheita certa e invariavel. Circumstancias, que me abstenho de declarar, nos fizerão perder algum tempo para isto se obter, acrescentando as difficuldades inherentes ás impresas que não offerecem um lucro immediato! Um minucioso exame e a apreciação dos factos me convencem de que a actual companhia é do numero d'aquellas que não pôdem progredir sem que a mão poderosa de seo augusto protetor o Sr. D. Pedro II. e do seo governo a protejão.

« Esta protecção deve ser efficiente, e ella não pôde ser outra (que me lembre de momento) senão a garantia dos juros do capital da companhia e a elevação deste capital a 500:000\$.

« Tal garantia não sendo senão do valor das chamadas e das accões preenchidas, bem vedes, senhores, que nada é em relação á magnitude do objecto, e a par do lucro que d'ella podemos tirar. Uma vez que, senhores, isto obtemos, o Brazil terá um nucleo no actual estabelecimento; admittiremos pessoas que se instruaõ nessa industria, dissemina-la-hemos por todo o imperio, e mais um padrão de gloria terá o reinado do Sr. D. Pedro II.

« Senhores! Se isto não obtivermos, ou outra qualquer protecção efficiente, não poderemos progredir por não termos os meios de tornar procuradas nossas accões, e é preciso confessar que apesar de sermos cento e tantos accionistas o numero das accões que possuímos não é sufficiente.

« Não se diga, senhores, que não temos garantia; não O estabelecimento seropedico, que nos custou 86;900\$, e estes em accões, tem um valor superior a 180:000\$; tal valor cresce diariamente á proporção que vai subindo o valor dos escravos que a companhia possui, e estes produzindo, como está acontecendo no estabelecimento; porém isso não é bastante.

« As idéas por mim reservadas para vos apresentar são estas: termino portanto declarando-vos que se não derdes quaesquer providencias, se não formos attendidos (o que eu duvido) retire-me da companhia, deixo de supprir e inspecionar o estabelecimento, lastimando que se perca esta industria no paiz, cuja perda importa a dissolução da companhia depois de tantos sacrificios feitos e bons resultados colhidos. Rio Janeiro, 12 de Abril de 1856. — Antonio Rodrigues de Azevedo. »

Carta que dirigio ao redactor do Patriota o chefe de divisão Luiz de Abreu acerca de sementes que trouxe da Ilha de França.

Achando-me prisioneiro de guerra na Ilha de França em 1808, tratei de negociar, e effectuei com aquelle governo o meo resgate, e o de todos os nossos compatriotas ao numero de duzentos, que ali tambem se achavão na mesma desgraça, projectando ao mesmo tempo roubar aquella colonia para enriquecer este estado, parte das preciosidades, com as quaes Mrs. de Poivre e Menouville em 1770 tanto a tinham illustrado. O projecto foi temerario, vistas as circumstancias em que me achava, e o resultado o mais feliz, pois que consegui subtrahir do jardim real um grande numero de arvores de especieria e de sementes exoticas, não sem muito trabalho, risco e despesas; porem quando se trata de fazer prosperar a patria preenchendo os Augustos, Magnanimos e Providentes Sentimentos do Melhor dos Principes, tudo se arrosta.

Em julho de 1809 entrei n'esta capital e dei parte a S. A. R. da minha aquisição, e me foi ordenado por aviso da secretaria de estado dos negocios estrangeiros e da guerra, que as distribuisse, dando uma porção á real junta do commercio, e o restante ao Illm. Exm. Tenente General Carlos Antonio Napion. A Real Junta do Commercio, por carta de 28 de julho de 1812, me fez a honra de mandar participar que em sessão de 9 de setembro de 1809 tinha deliberado se me conferisse uma medalha de ouro em testemunho do meo zelo e patriotismo, acompanhada de uma carta em que no Real Nome do Principe Regente Nosso Senhor se me agradecesse tão importante serviço. E desejando eu saber o estado, e o progresso actual da mesma aquisição, pedi ao sobredito Illm. Exm. Tenente General me mandasse passar uma attestação do constante, o qual me fez a honra de mandar a relação que junta remetto, e ignoro o estado das que entreguei á disposição da Real Junta do Commercio, como tambem o de algumas, que dei ao Illm. Exm. Conde dos Arcos e defunto Conde de Anadia, então Intendente da marinha, e ao Dr. Arruda.

Tenho toda a certeza que V. não pode deixar de dar um distincto lugar no seu periodico á mencionada relação, ommittindo-lhe as lisongeiras expressões que a meu respeito expendeo o habil autor d'ella, e incansavel cultor das referidas plantas.

Tambem julgo dever participar-lhe, para que conste, que pedindo eu ao meu particular amigo Rafael Bottado de Almeida, senador de Macão, me remetteste as sementes dos arbustos do chá, elle me mandou o anno pro-

ximo passado um grande numero d'ellas, as quaes distribui, dando-as ao referido Illm. Exm. Tenente General, ao deputado da Real Junta do Commercio José Caetano Gomes, e a varios particulares; e vi os dias passados, em casa do Dr. Jacinto José da Silva Quintão, tres pequenos arbustos provenientes das ditas sementes, que promettem prosperar. e ignoro se existem mais algumas em outra parte.

Devo de justiça mencionar o quanto contribuirão para o bom exito de uma tão interessante aquisição para este estado, as diligencias, o segredo e dinheiros do referido Rafael Bottado de Almeida, de Francisco João da Graça, religioso da 3.^a ordem, e de Antonio José de Figueiredo, cirurgião de embarque. Os nomes d'estes tres bons portuguezes são dignos de passarem á posteridade, não só pelo expellido, mas por muitos outros factos patrioticos por elles praticados n'aquella colonia durante a nossa prisão.

Rio de Janeiro 4 de março de 1813

Luiz de Abreu.

Relação das plantas exoticas e de especierias cultivadas no Real Jardim da Lagõa de Freitas, e transportadas da ilha de França pelo chefe de divisão Luiz de Abreu.

4 Moscadeiras. *Mystica Officinalis* Lin. — Existem duas, que crescem vigorosamente e atingem já quasi a altura de um homem: apresentam uma ligeira differença no habito externo da folhagem, talvez porque sejam de sexo diverso, o que seria muito a desejar para sua fecundidade.

4 Camphoreiras. *Laurus Camphora*, Lin. — Salvarão-se duas que tem crescido prodigiosamente e tem já dezoito palmos de altura, e mais de vinte e cinco de roda.

Tem-se prestado facilmente ao processo da mergulhia, pelo qual já ha mais de anno se separou uma linda arvoreta, que cresce vigorosissima; e agora espero separar uma numerosa quantidade já bem arraigadas. D'aqui se vê a facilidade da sua propagação independentemente de sementes. Pareço que estão no seu clima natalicio.

4 Abacates. *Laurus Persic*, Lin. — Salvarão-se tres, que estão muito frondosas, e de altura de dezeseis a dezoito palmos. D'esta ha já doze mergulhias em estado de se separarem.

2 Litchis. *Euphoria Litchi*, Lin. — Vierão debaixo d'este nome dous pequenos troncos, dos quaes somente um vingou; conheceo-se não ser o Litchi; mas ficou incognito até que floresceo e reconheci ser o Mamei das Antilhas, *Mamea Americana* de Lin — a que os Francezes chamão Abricot de S. Domingos. Está carregado de flores e fructos; e ha tres mergulhias em estado de se separarem.

2 Mangueiras. Os dous pequenos troncos, que chegarão com este nome, ambos vingarão, mas ainda não florecerão, e d'elles um tem alguma analogia com as Mangueiras; mas quando o seja, certamente é especie differente da ordinaria. É maravilhosa a facilidade com que se arraigão as mergulhias, das quaes ha bastantes n'este individuo. O outro é planta diversa, e parece ser uma especie de *Annona*, a que os Francezes chamão *Carosal*; cujo fructo diz-se ser muito superior á fructa do Conde.

4 Cravos, da India. *Caryophyllus aromaticus*, Lin. — Salvarão-se apenas dous que crescem lentamente. É planta extremamente delicada, e parece que o clima lhe é pouco favoravel; pois que das sementes que chegarão, e uma numerosa quantidade de plantas, que d'esta remessa se repartirão para differentes partes, nada existe senão os dous que se salvarão a custa de desvelos e canceiras indiziveis.

3 Caneleiras. *Laurus cinnamomum*, Lin. — Existe uma linda arvoreta já da altura de um homem.

10 Toranjeiras. *Citrus Decumana* Lin. — Existem todas, e mais algumas que nascerão ao depois, e ao todo são 18.

Semente de Sagú, Saboeiras, Arvore de pão, Areca. D'estas nenhuma nasceo, a excepção de uma formosa arvoreta de dezesseis palmos de alto, e uma mergulhia já arraigada. Está incognita por não ter florecido. Igualmente de outras 4 sementes, que me parecerão do genero *Spondias*, existem quatro arvores, já de dezeseis a vinte palmos de alto; não florecerão, e portanto não se conhecem.

Arvore de carvão. Das sementes que se semearão existem 170 flos, dos quaes uma grande parte já deo flores e fructos, e por elles pude conhecer que é a *Mimosa Speciosa* de Lin. — que os Francezes, pelo seu prompto crescimento, e elegancia do seu porte, verdor e persistencia da sua folhagem, cultivão na ilha de França para ornamento dos jardins, e bordadura das alas; e dos ramos que decotão annualmente fazem o carvão para a polvora que ali fabricão, e lhe dão o nome de *Bois Noir*.

As abelhas devorão avidamente a casca dos troncos, dos quaes corre uma copiosa quantidade de gomma, que ellas recolhem igualmente.

Tal é o numero, qualidade e estado em que se achão as plantas que couberão em partilha ao jardim d'este estabelecimento; e ignoro o destino de uma boa porção d'esta colleção, que se distribuiu para differentes partes. Quanto ás que aqui se achão, o seu crescimento progressivo, e multiplicação já bem avançada por mergulhias, e ao depois por

sementes, segurarão para sempre ao estado do Brasil a possessão d'esta preciosa aquisição, conquistada sobre a vigilancia dos Francezes, pelo denodado zelo e patriotismo de um prisioneiro portuguez. O atrevimento de uma tal empreza, e em semelhantes circumstancias, constituem a Luiz de Abreu benemerito da Patria, e o seu nome rival ou superior na gloria aos Poivres e Menonvilles passará á posteridade eternizado na duração d'estas especies, que primeiro introduzira, e que perpetuadas pela successão de seus individuos, serão um dia outros tantos monumentos, que conservarão indelevel a memoria d'este feito, verdadeiramente digno da antiga gloria, valor e patriotismo portuguez. — Lagoa de Freitas 30 de Julho de 1812.

João Gomes da Siveira Mendonça.

A alimentação com carne de cavallo.

É agora uma das materias da ordem do dia a alimentação por meio da carne de cavallo. Os economistas, os industriaes, os homens da sciencia estão todos preocupados com a possibilidade de introduzir mais esse elemento na alimentação publica.

O espirituoso e sabio redactor da *União Medica* Amedeo Latour publicou um artigo, que foi reproduzido por um dos grandes jornaes, advogando essa questão. O autor do artigo dava os detalhes de um banquete hippico que se deo ha pouco na escola de Alfort, no qual forão todos os assistentes accordes em proclamar os merecimentos alimentares da carne de cavallo. Como a attenção publica tem-se despertado com esse objecto, vamos sobre elle dar algumas informações, servindonos, para mostrar a antiguidade e o nenhum prejuizo resultante da alimentação com a carne, de que fallamos, das idéas emitidas em uma das suas lições do anno proximo passado pelo sabio professor de Zoologia do Muséo o Sr. Isidoro Geoffroy de Saint. Hilaire. Vamos pois fazer uma analyse d'essa lição do sabio naturalista.

Quazi todos os animaes que prestão auxilios ao homem, diz-nos o professor do Muséo, são proprios á alimentação. Esse facto explica-se facilmente. Concorrendo para a multiplicação d'esses animaes, o homem cria ao mesmo tempo uma grande massa de forças, e uma grande quantidade de materia alimentar; e costuma tirar partido d'esta, quando as primeiras desfallecem, ou tornão-se inúteis. Porque rasão portanto ha de se desprezar para a alimentação a carne de um animal tão copulento como o cavallo, e que nos presta tantos auxilios?

Actualmente, exceptuando bem poucos

paizes, só se utiliza a força do cavallo em troca do alimento que se lhe fornece. Logo que se approxima da velhice, ou que algum accidente diminua ou inutilisa os seus serviços, o cavallo é apenas um capital em vespas de perder-se; porque apenas alguns restos d'elle são aproveitados. Entretanto sua carne poderia fornecer preciosos recursos á alimentação, se um prejuizo bastantemente enraizado não a desacreditasse, attribuindo-lhe inconvenientes de que ella é na realidade isempta. Buffon mesmo não hesitou em condemnal-a como um dos alimentos bem mediocres; porém sem duvida o celebre naturalista era levado pela opinião geral, e fallava apenas por informações; porque é bem pouco provavel que figurasse uma só vez na mesa do Sr. de Montbard alguma iguaria de carne de cavallo.

Conta-se em França cerca de dous milhões de cavallos. e apenas as elinas, a pelle, os tendões e os ossos d'esse animal são utilizados na industria. Se algumas outras partes d'elle entrão na alimentação acontece isso por fraude e é em diminuta quantidade.

E' ao que se limita em França o uso de um cavallo depois de morto, ao passo que existem milhões de homens acabrunhados de miseria, que vegetão privados de carne, e mesmo de pão, e que se outrem apenas de castanhas ou de batatas.

Assim como o boi e o carneiro o cavallo é essencialmente herbivoro; nenhum elemento nocivo se elabora na sua economia. Sua carne ricamente azotada é isempta de toda a insalubridade, e além d'isso está bem longe de ser desagradavel ao gosto. Os testemunhos d'estas boas qualidades são numerosos.

O Barão de Tott conta em suas Memorias, que sendo convidado, como enviado do rei de França, para jantar com o khan dos Tartaros, Krin-Gueray, serviu-se á mesa excellentes costellas de cavallo, cujo bom gosto foi grandemente elogiado.

Um autor mui estimado, Parent-Duchâtelet, conta que antigamente forão introduzidos, sob diversos pretextos para a alimentação de Pariz grandes quantidades de carne de cavallo.

Hazard pai, habil veterinario dos fins do decimo-oitavo seculo, assegura que na época da fome que assolou durante a revolução a cidade de Pariz, a maior parte da carne, que ali se consumio durante seis mezes, foi fornecida por cavallos, sem que d'hi resultasse inconveniente algum para a saude publica.

Nas campanhas do Rheno, da Catalunha e dos Alpes maritimos, o celebre cirurgião Larrey recorreu muitas vezes a essa especie de alimento para seus doentes, de que tirou tambem vanajoso partido no cerco de Alexandria, no Egypto, attribuindo-lhe em grande parte a cura de

seos doentes. Ouçamos a respeito o illustre cirurgião ni itar.

« A experiencia, diz-nos Larrey, mostra que o uso da carne de cavallo é muito conveniente para a nutrição do homem. Parece-me que é além de tudo muito nutritiva, sendo tambem o seu gosto igualmente agradável. Tirei grandes vantagens dando-a aos soldados e aos feridos do nosso exercito. Durante o sitio de Alexandria obtive tambem d'ella muito proveito. Em resposta á objecções feitas por muitas pessoas notaveis do exercito, e para vencer a repugnancia dos soldados fui eu o primeiro que comi d'essa carne, e que mandei matar os meus cavallos. Na batalha de Eylau, durante as primeiros vinte e quatro horas tive de alimentar os meus feridos com carne de cavallo. »

Em 1811, á requisição da policia, Cadet, Parmentier e Pariset asseveravão « que a carne de cavallo é muito gostosa e alimenta como a dos outros animaes; e que passavão muito bem os trabalhadores de Montfaucon que d'ella usavão. » Esses sabios pedião, em nome do conselho de salubridade que se permitisse a venda da carne de cavallo. »

Parent Duchâtelet, que parece ter tido prevenções contra esta substancia alimentar, não hesitou em dizer depois de a ter comido: Não posso deixar de concordar que é *muito boa e muito saborosa* esta especie de carne. »

Reconhecido assim que o cavallo apresenta todas as vantagens, que se exigem dos productos ordinarios da alimentação, por que á sabor agradável reune as condições de um alimento salubre, por que razão não está o seu uso bastante derramado hoje pela população da Europa, a que offereceria tão preciosos recursos? D'onde provem a repugnancia que experimentamos em nos nutrirmos com a carne de cavallo? A razão é por que ha muito tempo que deixarão de faser uso d'ella os diversos povos da Europa, substituindo consideravel aversão á predilecção que os antigos povos, e em particular os Germanos, tinham por esse genero de alimentação. A historia vai revelar-nos a causa d'essa transformação nos gostos.

Os Scandinavos e os Germanos, dedicando-se ao culto de Odin, creavão e sustentavão com o maior cuidado nos pastos sagrados uma raça de cavallos brancos, destinados a serem immolados aos deuses que adoravão. Acabado o sacrificio cosião a carne d'esses animaes e apresentavão-na em banquetes.

Tal é provavelmente a origem da hippophagia que se introduzio entre os povos do norte, e tornou-se parte integrante de seus costumes nacionaes, até que o christianismo penetrando na Europa septentrional conseguiu destruir esse costume intimamente ligado aos ritos do paganismo do norte.

A hippophágia, que era d'esse modo unida ás praticas da religião de Odio, foi um obstaculo ao estabelecimento do christianismo entre os povos septentrionaes. Com effeito, logo que um Scandinavo, mesmo já convertido comia carne de cavallo, deixava-se arrastar pelos costumes da sua antiga crença. Porisso, ainda bem cedo os papas prohibirão o uso d'essa carne: a politica religiosa o queria assim.

Em uma carta escripta no oitavo seculo pelo papa Gregorio III a S. Bonifacio, arcebispo de Moguncia, lê-se a passagem seguinte: « Tendes-me feito notar que alguns comem carne de cavallo selvagem, e a maior parte a de cavallo manso. Não permittaes que continue mais isso; aboli esse costume por todos os meios que estiverem ao vosso alcance, e impõe a todos os comedores de cavallo uma razoavel penitencia. Elles tornão-se immundos, e sua acção é execravel. »

Igual recommendação foi feita pelo papa Zacharias, successor de Gregorio III.

Entretanto, apesar da prohibição dos papas, julga-se que o uso da carne de cavallo continuou por muito tempo ainda na Scandinavia. O que dá algum pezo a essa opinião, é que a raça dos cavallos brancos, que fornecia as victimas aos sacrificios, não se extinguiu nunca inteiramente: a caudalaria de Frederiksberg, que pertence á corôa da Dinamarca, é o unico ponto do globo em que ella se encontra absolutamente.

Eis ahi como ao passo que progredia o christianismo, foi diminuindo e acabou por desaparecer da Europa o consummo da carne de cavallo. O paiz em que se manteve por mais tempo foi aquelle que por ultimo se conservou fiel ao culto de Odio, a Dinamarca. Os povos nomadas da Asia Septentrional tem, com effeito, conservado até nossos dias uma notavel predilecção pela carne de cavallo, e fazem d'ella sua comida favorita, bemque possuão numerosos rebanhos de bois e de carneiros. Domina ainda muito entre as tribus barbaras d'esses paizes esse gosto, e os missionarios russos, irritando os papas do oitavo seculo, achão ainda hoje na extirpação da hippofagia um poderoso meio de proselitismo.

Em nossos dias o uso alimentar da carne de cavallo tem ganho entre outros povos uma certa importancia.

Entre as nações civilizadas da Europa, os dinamarqueses descendentes dos antigos Scandinavos forão os primeiros a adoptar esse antigo uso. Durante o sitio de Copenhague em 1807 o governo dinamarquez autorisou a venda da carne de cavallo em açougue e desde esse tempo não deixou de continuar esse costume: existe mesmo na capital da Dinamarca um açougue privilegiado sob a

inspecção da escola veterinaria, que não vende senão carne de cavallo e pelo preço medio de 12 centimos a libra.

D'esse modo em nossos dias recomeça pouco a pouco o uso da carne de cavallo, e é notavel que tenha principiado pelos povos que forão os ultimos a abandonal-o.

Além da Dinamarca, onde como acabamos de ver se vende publicamente essa substancia nutritiva, e sob a inspecção do governo, pôde-se citar a Belgica que seguiu ha alguns annos, esse exemplo. Accrescentemos que o governo austriaco autorisou recentemente a venda publica da mesma substancia alimentar.

Não são sómente Huzard, Larrey e Parent-Duchâtelet que nos garantem a boa qualidade e salubridade do carne de cavallo; igual garantia nos dão populações inteiras, governos constituídos, como devemos crer a vista das autorisações que tom dado, e das tentativas que tem acorçoado.

A França não será a ultima nação que se conspire contra esse prejuizo. A questão como se vê, é muito simples; reduz-se a estes termos: Um alimento sadio, confortativo, e economico perde-se em França. Ora existe no seu territorio *milhões* de individuos baldos de nutrição sufficiente, e cujos costumes e intelligencia alterão-se necessariamente em consequencia de suas más condições alimentares.

Este alimento poderia supprir vantajosamente a sua subsistencia. Não se poderia deixar de applaudir os esforços que tivessem em resultado derramar o seu uso entre os povos da Europa.

Se a Europa não desprezasse essa alimentação, a Irlanda não teria talvez offerecido ao mundo o tristissimo espectáculo de um povo inteiro abandonando, por causa da fome, a terra de seus antepassados.

Taes são em resumo as considerações que Mr. Izidoro Geoffroy Saint-Hilaire apresentou ao seu auditorio sobre uma das mais recentes questões da Zoologia pratica.

Permitta-se todavia á critica uma simples reflexão a respeito do emprego alimentar da carne de cavallo. Os factos que acabamos de expôr demonstrão a perfeita salubridade d'essa substancia nutritiva; mas parece-nos muito duvidoso, que se possa achar, sob o ponto de vista economico, vantagens reaes no seu uso ordinario. A carne de cavallo parece-nos que não se pôde vender por um preço que apresente sérias vantagens aos marchantes e consumidores. Não se deve ter em vista destinar ao consumo os cavallos velhos e estragados que se matão todos os dias.

Os animaes em bom estado que se matão em consequencia de um accidente, que os priva dos seus serviços, serião os unicos recursos de que se poderia lançar mão, mas esse

recurso é muito insufficiente. A carne de vacca e de carneiro, elaboradas ha seculos pela industria humana com attenção a melhorar suas qualidades alimentares, tendo chegado ao seu ponto de perfeição, será sempre superior, á carne de cavallo. Este ultimo animal é do mui elevado preço para que se trate de o criar e engordar com o fim de o fazer rivalisar como alimento, com o boi ou carneiro. Parece-nos portanto muito duvidoso que se tente um ensaio em grande para introduzir nos mercados essa nova substancia nutritiva.

Seja porém o que fôr, o facto de que a carne de cavallo é perfeitamente susceptivel de se comer, e de que seu emprego como materia alimentar pôde dar resultados uteis, esse facto é, em si mesmo, muito importante, e é digno de ser conhecido, senão para as applicações immediatas que poderia hoje receber em relação a alimentação das massas, ao menos em certos casos particulares. Em circumstancias especiaes, taes como o cerco das cidades, o sustento de um exercito a quem possa faltar a nutrição ordinaria, uma falta de viveres accidental, ou uma rigorosa fome, não se recusará mais o consumo da carne de cavallo pelo prejuizo que por tanto tempo reinou sobre esta questão.

Esta é, na nossa opinião, a verdadeira importancia dos factos que acabamos de mencionar.

Luiz Figuer.

Pipal, ou arvore dos Banianos.

Ficus Religiosa.

No Indostão, paiz de credulidade supersticiosa, onde a imaginação do homem está sempre disposta a revestir de um character sobrehumano e religioso todas as produções naturaes que a maravilhão, não podia deixar-se de legar ao Pipal, ou arvore dos Banianos uma veneração piedosa. E na verdade esta arvore é um dos mais extraordinarios phenomenos da vegetação, que o solo das Indias Orientaes tem nutrido: toda ella manifesta uma força e uma providencia de criação verdadeiramente assombrosa.

E' immenso o apparelho de raizes destinadas a supportar e a nutrir esse colosso de verdura. Ora dirigindo-se em linhas rectas, ora crescendo tortuosamente logo torcendo-se em roscas, misturando-se e embaraçando-se umas pelo meio das outras; ali estendendo-se horisontalmente, descendo aqui perpendicularmente, e subindo depois até a superficie da terra, estas raizes, multiplicadas com uma abundancia infinita, abração com seo tecido

de fibras, á semelhança de rede, tão grande porção de terreno, e arreigão-se com seos milhares de braços por tal modo, que os espantosos furacões indianos não pôdem vencer, nem mesmo abalar sua força de união. Estes pés do gigante offerecem a medida, e explicão o segredo de sua desmarcada corpulencia, e não causarão espanto as proporções e vigor de seos membros, se se contarem os cauaes, que trabalhando para elle em um espaço de mais de mil pés de circumferencia lhe ministrão incessantemente seos succos nutritivos. Como se um unico rebento não fosse sufficiente, para o derramamento da seiva, que afflue e abunda no ponto em que o tronco se fórma da reunião de todas as raizes, em opposição ao modo de crescer da maior parte das grandes arvores, eleva-se da terra sobre muitos troncos, de cujos lados nascem quasi ao mesmo tempo numerosos ramos, que crescendo em direcção horisontal estendem-se a taes distancias, e afastão-se tanto do seo ponto de partida que seo proprio pezo, ou a mais leve agitação do ar os quebraria, ou constrangeria a beijar o solo, se a natureza lhe não tivera proporcionado em todo o espaço que percorrem robustos espeques, sustentaculos maravilhosos.

A maneira que estes ramos se vão affastando do tronco principal, e que o proprio pezo começa a abatel os, brotão-lhe da parte inferior uns rebentos fibrosos, sem ramos, e sem folhas, os quaes descendo perpendicularmente chegão com rapidez á terra, n'ella se entranhão, arreigão-se com suas numerosas raizes, e em pouco tempo tornão-se grossos troncos. Firmados sobre esta nova base, arremessando-se d'este novo ponto de apoio, e reanimados pelos novos succos, que recebem, crescem os ramos com um vigor e rapidez sempre em augmento; mas logo como que fatigados, e sentindo ainda necessidade de mais um apoio, deixão cair uma outra columna, depois continuão impetuosamente seo caminho, e assim proseguem de descanso em descanso, de salto em salto; finalmente levados pela seiva de seos novos troncos sem cessar reverdecida, invadem o espaço indefinidamente.

Delgadas e flexiveis em quanto permanecem distantes do chão, as ramificações d'esta arvore fluctuão e balanço-se no ar como cipós; mas assim que tocão a terra, e se enraísão, tomão tal desenvolvimento que chegão a ter mais de dez pés de diametro. Ajudada por estes poderosos auxiliares, apoiando sua velhice sobre estes troncos, que vae semeando em torno de si, e recebendo por via d'elles de todas as partes, no centro e nas extremidades, força e vida, o Pipal que pôde representar a symbolica imagem da eternidade dilata mui longe seos membros, estende-os em

todas as direcções, fórma de per si um verdadeiro bosque, cuja immensa abobada por tantos pilares sustentada, é coberta de folhas largas, ellipticas, lisas e lustrosas, da feição das da alfaca; de sorte que debaixo da sombra tutellar de uma só arvore, podem repousar ao mesmo tempo sem se encommo-darem caravanas de peregrinos, mercadores viajantes, rebauhos domesticos, e animaes selvagens.

Espalhão-se sobre este vasto toldo de verdura nas extremidades dos ramos novos, uns pequenos fructos, como avellãs, de uma brilhante côr vermelha, os quaes, posto que inspidos, servem de alimento aos papagaios e outros passaros. As sementes que estes fructos encerrão, paixão, segundo dizem, aos intestinos dos passaros sem que se alterem, nem percaõ sua força reproductiva; assim pois transportadas e depostas sobre os telhados das casas, ou sobre as cupolas dos pagodes germinão, crião raizes e tornão-se um objecto de meditação para quem pensar na viagem aerea do germen de um bosque inteiro dentro do estomago de um passaro.

Sejão por que estas leis extraordinarias de crescimento, de vegetação e força reproductiva tenham causado grande impressão no animo dos indios, ou que a sua gratidão tenha sido despertada pelo refugio que esta arvore lhes offerece contra os ardentes raios do sol abrasador d'aquellas regiões, ou seja finalmente por um respeito á tradição, que refere que o deos Visthnou nasceu debaixo da folhagem do Pipal, em todo o Indostão é considerada esta maravilha do reino vegetal como santa e sagrada.

E' debaixo dos espaçosos porticos formados pelos columnadas d'esta arvore, debaixo d'estas abobadas naturaes, apenas regularizadas pela arte que os indios gostão de collocar os altares de suas divindades, e os simulacros de sua idolatria; de sorte que, quando os ramos se curvãõ engrinaldão com sua folhagem as figuras sagradas. Algumas vezes a força e flexibilidade da arvore, empregando-se sobre estes pedaços de esculptura produzem effeitos maravilhosos. « Passando, diz um inglez a pouca distancia de Mizapour, vimos uma formosa arvore dos Banianos, debaixo da qual havião posto, como em homenagem á santidade do lugar, uma estatua de primoroso artificio. Como andar do tempo os braços vigorosos da arvore curvãõ-se e enlaçaõ-se em volta da estatua; e arrancaõ-a do pedestal, a forão elevando á medida que ião crescendo envolvendo-a como n'uma especie de rede de ramagem circular; offerecendo d'esta arte uma das mais pittorescas curiosidades naturaes que os olhos podem ver. »

Assim como a agua sagrada do Ganges é

empregada pelos indios nos mesmos usos religiosos, em que o era entre os antigos a agua lustral, e entre nós os christãos a agua benta, assim os tambem os ramos do Pipal são para os indios o mesmo, que para nós as palmas bentas distribuidas em nossas igrejas no domingo de Ramos. Collocão-se sobre as reliquias dos finados como um talisman, e por isso o ramo do Pipal avulta sempre sobre suas sepulturas. O direito de asylo, que a Europa da idade media concedia aos edificios religiosos, concede-o ainda hoje o Indostão á immensa folhagem do Pipal, mas com a exaggeração que caracteriza os povos idolatras.

Logo que um brahmine estabeleca a sua morada debaixo d'esta arvore, torna-se ella desde esse instante um refugio sagrado para tudo quanto sob sua sombra respira. Só os parias são excluidos d'esta protecção que estende seos beneficios até aos passaros e macacos. O habito de não serem perseguidos n'este asylo deu por assim dizer a estes animaes a intelligencia dos direitos que gozão, inspirando-lhes uma segurança tal, que sem temor girão e brincão no meio da multidão. D'esta arte o Pipal protector, qual outra arca de Noé, offerece abrigo a uma povoação innumeravel de aves e quadrupedes de toda a especie, inviolaveis como elle proprio. Certos officiaes inglezes ousando matar a tiro de espingarda um macaco, que acoutando-se no sagrado recinto, parecia escarnecel-os com as suas momicas, forão perseguidos por um bando de indios indignados, e só á ligeireza de seos cavallos deverão a vida.

O Pipal que descrevemos é o do Baghepour que está junto ás margens do Ganges, entre Calcuttá e Mongory, e á pequena distancia de um bosque frondoso, de cujo centro se eleva um pagode. Alguns naturalistas dão á esta arvore o nome de *Ficus indica* e reservão o de *Ficus religiosa* para a figueira dos pagodes, pretendendo que seja uma especie differente. Com tudo não duvidamos dar ao Pipal este ultimo nome a vista do que tem a tal respeito escripto naturalistas modernos mui respeitaveis, os quaes dizem que na India denominação indifferente esta arvore, principalmente os viajantes, com os nomes de Pipal, arvore dos Banianos, de Bondhã, das raizes, figueira dos pagodes, da India, etc. Temos visto em algumas obras confundir-se o Pipal com o Baobab—*Adansonia digitata*. São duas arvores de especie tão differente que esta ultima não apresenta mais do que um só tronco principal, de grossura es-pantosa.

Extr.

Leito hydrostatico.

O leito hydrostatico do Dr. Niel Arnott,

mui empregado actualmente nos hospitaes de Inglaterra, é uma das uteis invenções exhibidas na Exposição-Universal.

Consiste elle em uma cama ordinaria de páo ou de ferro com enxergão de tecido impermeavel pouco cheio de agua em vez de palha ou lã, sobre o qual se assenta um colção cheio de lã de mui delgada espessura. No mais tudo é como nas camas ordinarias.

Não sendo o enxergão exactamente cheio de agua torna-se a cama bastante macia, porque exercendo-se pressão em um ponto a agua reflue para as partes circumvisinhas, resultando d'ahi accomodar-se bem á fórma do corpo de quem n'elle estiver deitado.

Este leito é de utilidade para as molestias longas, porque livra da necessidade de se lhe mecher; e escusado é dizer que, na occasião competente, despejada a agua póde dobrar-se e guardar-se o enxergão, ou antes a sua capa.

Photographias microscópicas.

Aos progressos já de todos conhecidos, que tem feito a descoberta sublime de Daguerre, accrescem outros que espantão pelos resultados a que póde ainda chegar este grande meio de reprodução dos objectos.

Ha pouco tempo em Manchester apresentarão-se alguns trabalhos photographicos, que só com o microscopio podião ser apreciados.

Uma d'essas photographias era do tamanho de uma cabeça de alfinete. Examinada com um microscopio, que a augmentava cem vezes, apresentava um grupo de sete retratos da familia do artista, da mais perfeita semelhança.

Outra notavel, ainda mais pequena, representava uma inscripção mural consagrada em uma igreja á memoria de William Sturgeon, autor de diversas descobertas electricas.

Contendo seiscentas e oitenta letras, bem visiveis ao microscopio, occupavão todas um espaço igual a decima nona centesima parte de uma pollegada quadrada.

LITTERATURA.

CDE

Ao Snr. Alph. de Lamartine.

Com que poder tu jogas com nossa alma!
Como magico vibras nossas fibras,
De prazer em prazer nos elevando,
Nas azas do teu genio, á um novo mundo

De tua creação, mundo onde reinas
De estrellas fulgurantes rodeado,
Em elevada esfera!

E' tua voz o hymno dos Archanjos,
Que doce echoa no celeste alcaçar,
Nessa alma de tal geito harmonisando,
Que em doce melodia se evapora,
Como aura branda, que co'as flores brinca.

São tão fortes, tão nobres teus accentos,
Quaes dos famosos, inclytos da Igreja,
Preclaros defensores,

Que souberam fruir na propria essencia
Da pura religião lições sublimes,
Que as christãas consciencias fortalecem.

Que ha na religião de mais altiloquo,
Que teu pincel ousado não tocasse?
Uma por uma lhe brandiste as cordas,
E aos seus tão puros sons os teus unindo,
Um choro de dilicias compuzeste.

Ha lição de moral mais nobre e santa,
Que a orchestra sublime de tua alma,
Quando doces emmanações deslisa
De celeste harmonia e de poesia,
Que arrasta, eleva, vaporosa e bella
Como a virgem dos bosques?

Onde mais estro, mais ousado e puro,
Que no teu hymno de fogo,
Quando as bellezas da natura pintas,
Envolvida, encoberta em véo tristonho,
E a lua prateada sobre o lago
Os seus lugubres raios dardejando,
Quaes celestes espiritos, que descem
Bricam, saltão, gyram, perylampos
Que os espaços percorrem?

Com tão doce harmonia nos captivas,
Prendes, sustens, e elevas,
Que á teus cantos sonóros alma e espirito
Seguem, sonham, deliram, si tu sonhas,
Si tu deliras, inspirado, e nobre.

Como Promotheu abraçou Jupiter,
Roubou-lhe o sacro fogo, a vital aura,
E ás frias faces do insensível marmor
— Veloz se apressa á dar-lhe;
Assim eu enlacei a Musa altiva,
Nos jovens braços meus, té que ella amiga,
Um canto me inspirasse—de ti digno.—
Ouviste minha voz, Musa celeste!

Pariz 13 de Julho de 1836. P. S.

Carta do Sr. Lamartine em resposta
á esta poesia.

Monsieur

Il m'est bien doux de recevoir dans la
langue la plus harmonieuse de l'Europe, dans
l'idiome du Camões, des vers, où mon nom

est encadré par la sympathie et l'enthousiasme d'un frère en poésie. Je sais assez le portugais pour jouir de vos belles strophes, pas assez pour vous rendre grâces dans votre langue. Mais vous voudrez bien vous mettre à ma place, Mr., et vous demander ce que vous auriez senti, si dans les belles solitudes de vos montagnes vous eussiez reçu tout à coup de Paris, ou de Londres un épître semblable à celle, que vous m'adressez. Eh bien! Tout ce que vous auriez senti je le sens, et je serais bien heureux de pouvoir vous l'exprimer en aussi riche poésie. Mais la jeunesse passe, et les loisirs avec elle. Il ne me reste que la passion et souvent le regret de la poésie! Puissiez vous en porter la vase dans vos belles contrees, et dans une si splendide nature trouver pour vos compatriotes et pour nous des chants dignes d'elle et de son auteur. Ce sont les vœux d'un poète et les remerciements d'un homme, à qui vos sentiments donnent le droit de l'amitié.

Lamartine.

Chateau de St Point près Macon — 4 Aout
—1836. A' Mr. P. S.

Fragmentos.

FOLHAS INTIMAS.

(Continuação.)

III.

Tú já me disseste uma vez que sabias perfeitamente o que era o querer e o não querer ao mesmo tempo; — eu também já o sabia! Mas o que eu ignorava é que pudesse nunca uma existencia baloiçar-se entre esses dous extremos da indecisão, como um braco de creança que se suspende entre as bordas de um abysmo! O que eu não sabia é que pudesse jamais um coração cheio de força e de vida, conservar-se n'esse estado de irresolução; sem que venesse ou cedesse; nunca me fallarão de um espirito assim tão fraco que não soubesse abater com um raciocinio, todo inteiro o castello que costuma formar um coração apaixonado, preso do mais ardente amor que jámais tenha palpitado em peito d'homem!

Foi preciso que tú me apparecesses, anjo, para saber que muitas vezes o incenso que se queima na mais pura e fervorosa adoração, pôde também exhalar o mais cerrosivo veneno que se haja inventado.

Foi preciso conhecêr-te, mulher, para saber que ha paixões tão verdadeiramente desgraçadas, amores tão infelizes, que queimão com seus raios divinos, o altar onde elle se purifica, e a imagem que elle allumia com a luz de seus fogos!

Já imaginaste alguma vez nas phantasias do teu espirito a posição de ~~um~~ ~~homem~~ que tivesse as entranhas abrasadas pelo calor de uma febre ardentissima e que pedisse agua, agua que lhe mitigasse a sede das fances, agua que lhe apagasse esse fogo e lhe restituisse a vida; e que só tivesse para beber uma porção envenenada que lhe matasse com a febre o calor da existencia que elle amava, da existencia que não queria perder, porque ella lhe significava talvez um sonho de que não queria accordar?!

Pois a minha posição é cem vezes mais dolorosa!

Negar-te que te amo, negar-te que só vivo por ti, que és o unico astro que me esclareces os meus dias tão tristes, a unica luz que eu vejo brilhar nas minhas noites negras e ainda mais tristes; negar-te que és o meo primeiro pensamento quando accôrdo, que és a minha ultima oração quando me deito, a minha idéa mais constante, o meo sonho interminavel, que és, enfim, toda a recordação de meo passado, toda a occupação de meo presente, todo o meo futuro aqui na terra ou no infinito, no céu ou no inferno;... fôra uma mentira escusada; tú mesma não a acreditarias de certo!

Mas também, porque te não direi toda a verdade? Conheço que este amor que é a minha unica ventura, que é a unica aspiração que me possa fazer ainda palpitar o coração, a unica fortuna que eu ambiciono possuir, o unico thesouro que me pôde tornar avaro, que é o olho que me alimenta a luz da alma, que faz, finalmente, todo o resumo de meo ser, toda a minha religião, toda a minha vida, .. conheço que este amor infortunado só serve para gastar-me a pouca seiva de vida que inda me robustece o corpo, a pouca coragem que já me resta, que só serve, enfim, para roubar-me a existencia e com ella, tudo quanto eu desejav n'este mundo, tudo quanto eu podia pedir no outro!

Que importa? Heide amar-te com tudo. Ha para certos entes d'este mundo um como destino fixo de que se não pôdem libertar na vida, um que de fatal e inexoravel que os acompanha sempre, e a cujo poder não lhes é possível fugir; chamem-lhe o destino, o fado, a sina, a estrella, o meo destino aqui na terra, a minha estrella é amar-te a ti, a ti sómente, por toda a eternidade, porque eu tenho fé que este ardente sentimento que me ferve e estú, aqui no intimo do peito, terá força bastante para fundir com seus fogos o gelo da indifferença e do óvido.

Não o crês tu também?

(Continua.)

Quintino Bocayua.

ROMANCE.

Ir á Roma e não ver o Papa.

(Aventuras de um caçador).

(Continuação.)

CAPITULO III.

De como o Sr. Luiz Louet andou quinze horas atras de um melro.

Satisfatoriamente preparado, e previamente munido da necessaria dose de gravidade, o illustre rebecão grande começou nestes termos.

— De certo não ignorão meus senhores, que todo o marsehez nasceu caçador.

— Não ha duvida, — interrompeo Méry, pondo ao lado o charuto que substituiu á pitada — E' um phenomeno physiologico singular, tão singular que nunca soube como havia de explical-o; mas iucontestavel. Altos juizos de Deos!

— Desgraçadamente, — continuou o Sr. Luiz Louet armando-se de nova solemnidade — desgraçadamente, ou antes felizmente, pois que se trata de um flagello da humanidade, não temos leões nem tigres no territorio de Marselha. Para compensar esta falta temos porém a passagem dos pombos bravos.

— Então! — observou Méry para Dumas — Que lhe dizia eu? Não se lhes tira da cabeça.

— Tirar-se-nos da cabeça o que! — atalhou o caçador veterano, visivelmente picado do commentario. — Que se nos ha de tirar da cabeça? Sei muito bem que ha incredulos; mas, por mais que digão, os pombos bravos paixão. Não foi o Sr. Méry mesmo que me emprestou, ha dias, aquelle volume de Cooper, que tem por titulo os *Arroteadores*?

— Fui.

— Como novella é sem sabor...

— Sem sabor um romance de Cooper!...

— Para mim é... Mas como livro de instrucção é precioso.

— E que instrucção colheo dos *Arroteadores* de Cooper?

— Achei uma passagem que confirma a dos pombos bravos.

O Sr. Luiz Louet sorriu a si mesmo de complacencia encantado de haver descoberto este raro, engenhoso e novissimo trocadilho, tão familiar e grato ao espirito francez.

Méry ponderou-lhe:

— Confirma a passagem dos pombos bravos, certamente, agora me lembra; mas confirma-na na America.

— Isso mesmo, — tornou o Sr. Luiz Louet triumphante. — Se elles paixão na America porque não hão de passar em Marselha? Os navios, que vão de Alexandria e Constantino-

pla em direcção aos Estados- Unidos paixão exactamente pelo nosso porto. Sendo o caminho dos- navios, não me parece grande admiracção que o seja tambem dos pombos bravos. Que tem que dizer?

— Nada, — retorquiu Méry constricto e convencido sob o pezo da conclusão. — Acho-lhe perfeitamente razão. A isso não se responde. Onde tinha eu a cabeça que nem me occorria tal! Desculpe Sr. Luiz Louet. Não o torno a contradizer em semelhante assumpto.

— A discussão é livre, Sr. Méry, — ponderou com magestosa tolerancia o magnanimo rebecão.

— Mas eu encerro-a, — accudio o poeta. — Desisto da palavra, queira continuar.

— Como ia dizendo, — proseguio o Sr. Luiz Louet, cingindo mentalmente os louros d'esta vantagem, levada de assalto logo no primeiro encontro, — como lhes ia dizendo, á falta de tigres e leões temos a passagem dos torcazes.

Aqui o Sr. Luiz Louet fez pausa encarando Méry, como para ver se este ousava contestar ainda.

Méry, pelo contrario, inclinou-se com modo approbativo, dobrando a cabeça em signal de pleno assentimento, dizendo:

— Não ha duvida nenhuma; tem a passagem dos torcazes.

O Sr. Luiz Louet, satisfeito d'esta confissão em attestado á sua victoria, continuou:

— Já pôdem ver se um verdadeiro caçador deixa passar a epoca da passagem dos torcazes, sem ir todas as madrugadas postar-se nas esperas.

Por felicidade como só ás noites fosse occupado no theatro, podia dispor das manhãs, e tinha os dias livres. Ora, em 1811, — a historia é d'essa epoca, — contava eu os meos trinta e cinco annos; estava, por consequencia, na força da idade e na plenitude do vigor, e era muito mais agil e robusto do que sou hoje, posto que, louvado Deos! ainda me não trôco por muitos.

O auditorio aprovou com rara unanimidade de sentimentos.

O Sr. Luiz Louet foi por diante:

— Uma alvorada, antes de romper o dia, estava eu na espera, como costumava. O meo pombo domestico, preso á vara, voava e revoava como um desesperado. N'isto pareceo-me ver, á claridade das estrellas,

Que da Aurora nos braços desmaiavão!

— Bravo, Sr. Luiz Louet! — bradou o côro dos convivas n'um unisono estrepitoso. — A idéa é poetica, a citação feliz, o verso admiravel.

— Não é meo, — accudio o illustre rebe-

cão grande com a molestia do verdadeiro merito. — Dizam-me que veio da Hespanha, ou de Portugal, não sei bem. Como não ignorão todos os povos meridionaes são inclinados á linguagem florida, e a teem em grande apreço entendendo-se mutuamente... Vamos porém ao caso. Como lhes ia dizendo, pareceo-me ver á claridade duvidosa das estrellas o que quer que fosse, pousado na fama de um dos pinheiros, a que estava atada a armadilha do chamariz. Infelizmente não podia distinguir ainda se era um morcego ou outra cousa. Deixei-me estar quedo; o animal fez o mesmo. Esperei que se levantasse o sol, preparado para o que podesse acontecer.

Aos seus primeiros raios, certifiquei-me que era um passaro.

Fiz as minhas disposições com prudencia. Metti a arma á cara sem precipitação. Apon-tei com vagar e firmeza, e quando tinha a victima na boca da arma... desfechei.

Havia committido um erro grave. Estava carregada de vespera a espingarda. Não sei como aquillo foi... errei o tiro.

— Oh! — exclamarão os circunstantes consternados.

— E' verdade, errei, — proseguio o Sr. Luiz Louet, com o sublime orgulho com que o Corilano de Shakespeare, achando cerradas as portas de Roma, exclamou: «fica-me ainda o mundo!» — errei, é verdade. Pela maneira por que a ave se levantou, conheci porém que fora tocada. Segui-a com os olhos até a paragem; depois volvi-os para a mesma espera. Vejão se ha nada mais singular! O chumbo tinha cortado o cordel ao chamariz, e o pombo domestico, inesperadamente liberto havia abalado. D'aqui seguia-se, que sem elle, nada fazia com ficar na espera. Resolvi portanto seguir a pista ao melro... Tinha-me esquecido dizer-lhes que era um melro.

— O tal?

— O tal. Por infelicidade não tinha levado cão. Na caça de espera, o cão é um animal, não só inútil, senão insupportavel. Por tanto, não tendo cão não podia contar com a busca, e tive de ir eu mesmo batendo o matto.

O maldicto do melro, em vez de avançar, passeiou. Levantou-se outra vez atrás de mim, quando eu o julgava pela frente. Voltei-me ouvindo-o bater as azas e atirei-lhe no ar. Um tiro perdido, como pôdem suppôr. Não o esperava; foi em sobresalto, e, na precipitação, quasi que nem apontei. Entretanto vi que remoinhavam no ar algumas pennas.

— Ah! vio remoinhar pennas, interrompeo Méry como se pendesse da boca do narrador.

— Vi, e até achei uma, que metti na casa da minha vestia.

— Então se vio remoinhar pennas, signal é que o melro tinha sido tocado de novo.

— Foi a minha opinião tambem. Havia-me porém atrasado do melro. Como estava já de prevenção, partio-me fóra do alcance. Apezar d'isso fiz-lhe fogo. Quem sabe onde vai dar consigo uma carga de chumbo?

— Chumbo só! — observou Méry com si-sudesa incomparavel. — O chumbo é pouco para um melro. Ninguem faz idéa do que resistem os melros

— E resistem, — continou Sr. Luiz Louet — Aquelle havia sido duas vezes ferido, tenho certeza; mas, como se não fora nada com elle, arrancou terceiro vôo... de perto de um quarto de legoa. Não me importou. Tendo-o visto pousar, investi atraz d'elle. Estava desesperado, jurei que havia de colhel-o á mão custasse o que custasse.

Segui-o sem descanso. Levava o demo no corpo, o melro. Parecia que adivinhava com quem tinha de haver-se. Levantava-se-me sempre a cincoenta, a sessenta passos fóra do tiro. Para mim era o mesmo. Ia cego; estava damnado. Se o apanho, trinco-o vivo. E não era milagre que me sentia a cahir de fraqueza. Felizmente, como contara passar o dia na espera, tinha levado o almoço e o jantar comigo, na bolsa de caça... Fui correndo e comendo.

— Queira perdoar, — atalhou Méry, interrompendo o Sr. Luiz Louet. — Deixe-me fazer notar ao meo amigo Dumas uma curiosa circumstancia local. Veja aqui, meo querido poeta, a differença que vai dos caçadores do Norte aos caçadores do Meio-Dia. Esta differença é caracterizada pelas proprias palayras do senhor Louet. O caçador do Norte leva a bolsa vasta para a trazer cheia; o caçador do Meio-Dia leva a bolsa cheia para a trazer vasta. Póde continuar agora, Sr. Luiz Louet. Ato o fio da narração. Disse.

E Méry continuou a comprimir amorosamente entre os labios o troço humido de um charuto no fim.

— Onde ia eu? — perguntou o Sr. Luiz Louet desorientado no seo discurso pela interlocção de Méry.

— Ia por montes e valles atraz do tal melro endiabrado.

— E' verdade, meo caro Sr. Méry. Nem sabia da cabeça. Não era já sangue, era vitriolo que me corria nas veias. Nas organisações ardentes a irritação orça pela ferocidade, e eu estava desesperado. O melro, meos senhores, não era um melro, era um passaro de feitiço: podião tomal-o pela ave encantada do principe Camaralzaman.

Deixei á minha direita Cassis e Ciotat, e entrei nas lesirias que se estendem de Ligne a São-Cyro.

Havia 15 horas que andava, sem parar, para a direita e para a esquerda. Se tivesse avançado em linha recta já estava para alem

de Toulon. Não podia com as pernas. Só o demonio do melro não cançava.

A final, era sol posto, e teria apenas meia hora de dia para conseguir o meo fim. Prometti á senhora da Boa-Viagem pendurar-lhe na capella um melro de prata, se lograsse pôr mão em cima áquelle. Foi o mesmo que nada! Como não era marítimo não fui ouvido. N'isto vinha já a noite. Descarreguei pela ultima vez sobre o melro per pura desesperação. Ouvio de certo sylvar o chumbo, porque dessa vez tal vôo despedio, que por mais que me affirmasse, esvaio-se-me no crepusculo, e perdi-o de vista. Observára, todavia, que desaparecera na direcção de São-Cyro.

Não podia pensar em voltar á Marselha. Resolvi-me a ir dormir á São-Cyro. Felizmente não havia theatro aquella noite.

Cheguei morto de fome á hospedaria da Agua de Ouro.

O dono da hospedaria era um meo conhecido antigo. Pedi-lhe que me mandasse preparar a ceia e uma cama. Depois contei-lhe a historia toda.

O homem pediu-me que lhe explicasse bem onde tinha perdido o melro de vista; e indiquei-lhe o melhor que pude. Reflectio alguns momentos, e depois tornou-me.

— « O melro ha de estar na charneca á direita do caminho.

— « Exactamente, — redargui eu — Foi para essas bandas que elle se sumio.

— « E' paragem de melros: sabe-o toda a gente d'aqui, — retorquiu elle.

— « Se houvesse luar podia-o levar lá; — insisti eu.

— « Não é preciso, — replicou o meo conhecido. — Amanhã de madrugada vamos com o meo cão, e levantamol-o.

— « Está dicto, — disse eu em conclusão.

E' fiado n'esta promessa, ceci e deitei-me. Levei toda a noite em sonhos. Sonhei que tinha morto tanto melro, que nem já cabião no meo theatro.

CAPITULO IV.

Do que o Sr. Luiz Louet passou em companhia de Solimão, e de quem era este personagem.

— Ainda a manhã vinha em casa de Christo, continuou o imaginoso narrador, e já eu estava a pé. Lavei e limpei ambos os canos da espingarda. Eu tinha-lhe dito que a espingarda era de dous canos, Sr. Méry?

— Não; mas ficou-o sabendo agora.

— Lavei-os e limpei-os como se forão reliquias. Não faz idéa do estado em que estavão! Tinhão dado cincoenta e cinco tiros no dia

anterior. Se o chumbo pegasse na terra, crescia uma leira d'elle famosa de Marselha a S. Cyro, posso-lh'o affiançar.

Bem lavada e bem enxuta a espingarda, carreguei-a com mais cuidado de que nunca. A's cinco horas, o meu conhecido veio ter comigo. Já me tinha apromptado e abastecido. Acautelara-me na vespera mettendo os restos da cea na minha bolsa de caça para o que desse e viesse. Estava no meu direito. Tinha pago.

Nós outros, francezes, não somos como dizem que são os portuguezes, uns mal governados, que pagão por inteiro e deixão os sobejos como fidalgos. Nós aproveitamos tudo.

Examinei as munições: faltava-me só polvora. A minha estava no fim. Não admirava, com o gasto que lhe tinha dado!

O meu conhecido felizmente achava-se prevenido. Como sabem, entre caçadores a polvora e o chumbo são como o charuto e o rapé entre os tabaquistas. Enchi o polvorinho.

— Tomarei a liberdade de lhes fazer observar, meus senhores, interrompeo Dumas, que o Sr. Luis Louet é pelo menos tão grande economista como apaixonado caçador. De certo, não terá escapado á sagacidade de suas attenções, que o nosso historiador, onde pára, não deixa nada, e leva o que pôde.

A acquiescencia do auditorio provou a Dumas que a sua reflexão era reputada justa, e ao Sr. Luis Louet que a sua sciencia da ordem achava sympathias nos circumstantes.

O rebecao grande proseguiu pois, cada vez mais lisongeador.

— A's cinco e um quarto partimos; eu, o meu conhecido e Solimão.

— Solimão! Que Solimão? Solimão turco, Solimão persa, ou Solimão de botica! Ainda não nos tinha fallado no Solimão.

— E' verdade, não tinha. Solimão era o perdigueiro do dono da hospedaria. Bom cão, deve-se dizer. Mal entramos na charneca logo o passaro, e deo-lhe no rasto firme farejou como uma rocha.

— « Ah! tem o melro, disse o meu conhecido.

Olhei em direcção do focinho do perdigueiro. Era effectivamente o melro. Passeava as estevas, a trez passos de mim. Metti logo a arma á cara.

— « Que faz? gritou o dono da hospedaria. — Assim, não é caçar, é assassinar. Olhe ue faz o melro em salada. E ainda em cima pôde matar-me o cão.

— « Temração—tornei-lhe eu. E recuei dez passos. Era já uma pontaria soffrivel, não achão?

— Admiravel. E Solimão o que fazia no entanto?

— O Solimão estava especado no mesmo lugar. Nem que tivesse deitado raizes ali. Parecia o cão de Cephalo... Os senhores não

ignorão talvez que o cão de Cephalo foi transformado em pedra.

— Não sabia,—atallou Dumas sorrindo.

— Pois é verdade, foi. Succedco-lhe esse desastre.

— Coitado do bruto! ponderou Méry com uma ellegia na voz.

— O Solimão não tugia, nem mugia. Parece-me que o estou vendo. De certo, ainda hoje estava na mesma postura, se o dono lhe não grita:

— « Bócca, bócca!

— A esta ordem o cão salta como uma pélla, e o melro como uma setta. Ponho-lhe a mira, como niuguem ainda pôz a mira a um melro. Tinha-o enfiado no adarme. Desfecho...

— Caho?

— Qual! Carga perdida. Nada.

— Pois amigo, diz-me o meu conhecido, se lhe não faz outro mal senão esse, digo-lhe que o melro o leva a Roma.

— E então que tem que vá á Roma?

Quem tem boca vai... lá, — retorqui-lhe eu. — Hei-de seguil-o até onde me parecer. Tive sempre desejo de ir a Roma, para ver o Papa. Quem me ha de pegar, se eu tiver vontade de ver o Papa? E' o senhor?

Estava desorientado, já podem ver. Se o homem me responde uma palavra, metto-lhe a segunda carga no buxo. Mas nada. Em vez de se affligir, tornou-me com toda a pachorra.

— « Está no seu direito. Póde ir aonde quizer. Boa jornada! Quer que lhe deixe o cão! A' volta m'o restituirá.

Podera não querer! Um cão, fino como aquelle! Aceitei, e disse-lhe:

— Quero, quero: deixe-m'o.

— Então chame-o. *Solimão!* torna aqui *Solimão!* *Solimão!* vai alli com o senhor.

Todas as pessoas experientes sabem que um cão de caça vai atraz do primeiro caçador que o chama. Ficou pois o *Solimão* e partimos.

Era o instinto em pessoa, o animal. Fação idéa: não tinha perdido o melro de vista! Fui andando uns cento e cincoenta, ou duzentos passos, e vejo-o cahir-lhe em cima direito como um raio. Corro tambem, torno a procurar o passaro debaixo mesmo do nariz do cão... Nem uma penna. Se o pilho não deixava ir, ainda que o fizesse em farinha. Veção o que são fortunas! Emquanto eu andava dobrado ao meio, procurando no chão, o maldito do melro levanta-me o vôo d'uma moita. Desfechei-lhe ambos os tiros... Fogo, fogo! Ambas as cargas em vão.

O *Solimão* olhou para mim espantado, como se dissesse na sua.

— Que vem isto a ser?

Humilhou-me... atravessou-me o olhar do animal, e disse-lhe, como se elle podesse ntender-me!

— Deixa, deixa... Espera.

Todos haviam de jurar que me percebia, o cão. Deitou logo para diante na busca. Ao cabo de dez minutos, estacou. Era o melro ainda. Atirei-me estalfado ao focinho do perdigueiro: ia uma brasa.

Passou-me pelas mãos quasi o melro; açoutou-me litteralmente as pernas com as azas.

Não pudo ter mão em mim. Atirei primeiro muito de perto, e depois muito de longe. A primeira carga sahio embalada, e passou ao lado do passaro. A segunda fez resplendor, e passou-lhe o passaro pelo meio.

— A salvo?

— São e escoreito.

Succedeo-me então uma cousa... uma d'estas cousas que eu não devia contar, se não timbrasse em dizer só a verdade.

O *Solimão*, que, em abono da verdade, justiça seja feita, era o cão mais intelligente que eu tenho visto; o *Solimão* tornou a olhar para mim com uma estranhesa cheia de sarcasmos.

Depois, emquanto eu carregava outra vez a espingarda, approxima-se de mim, cheira-me os brozeguins, atça a perna, e... fez uma acção que a decencia me veda de designar, abelando depois desenfadadamente por onde tinha vindo!

— Inaudito. Que atrevimento de cão!

— Escuso dizer-lhes que se fosse um homem, e se esse homem tivesse o descaramento de enxovalhar-me com uma defeita d'aquellas, ou eu ou elle. Mas que querião que eu dissesse, ou fizesse a um animal que Deos privou do uso da razão?

— Nada. Deital-o ao desprezo.

— Foi o que adoptei. Todavia aquelle incidente havia-me feito perder de todo a tramonania. Jurei matar o melro, ainda que não fosse senão para o fazer cheirar ao cão. A gente ás vezes tom d'estes amores proprios.

D'aqui por diante, já podem ver se me passaria pela idéa voltar n'aquelle dia á Marselha. De paragem em paragem, cheguei... Adivinhem aonde cheguei.

— A onde?

— A Hyères. Nunca tinha estado em Hyères, e ouvia fallar n'esta povoação pela fama dos seus pomares de laranja. As laranjeiras é que m'a fizeram conhecer.

Estava a mais de quatorze leguas de Marselha.

A pé, era uma jornada de outros dous dias para voltar.

Além d'isso ardia em calor.

Fiquei em Hyères.

(Continúa.)

Mendes Leal Junior.



REVISTA COMMERCIAL DA QUINZENA.

O paquete inglez « Avon » chegado no dia 8 de Southampton trouxe datas de Londres até 1, Paris 9, Hamburgo 5, e Lisboa 13 de Março — Trouxe tambem datas da Bahia até 4, e Pernambuco 2 de Abril. —

Os mercados da Europa estavam geralmente sem animação por causa da anciedade em que estavam todos os espiritos aguardando o resultado das conferencias. — Sobre o mercado de café influio ainda mais os proximos leilões que devião ter lugar, annunciados pela Sociedade de Commercio dos Paizes Baixos. O assucar contudo attraheo a attenção não só dos especuladores, como dos exportadores mesmo e refinadores.

O consolidados ficavão a 91 1/2 e 91 5/8.

Os fundos brasileiros a 102 1/2.

« Londres. » As ultimas vendas de « café » forão — 100 saccas « ordinario » da Bahia de 42 s. 6 d. a 43 s. — 1 carga do de Santos a entregar a 45 s.: 500 do do Rio tambem a entregar a 45 s. 6 d. para Trieste — Em ser 7:20 tons. contra 9:30 em periodo correspondente do anno passado.

« Assucar » do do Brasil venderão-se 500 caixas 200 barricas e 326 saccos de 32 s. 6 d. a 35 s. 6 d. « mascavo: » de 38 a. 42 « amarelo: » e de 42 s. 6 d. a 46 s. « branco.

Hamburgo. « Vendas limitadas. Depois que sahio o « Cadix » venderão-se 11:000 saccos de café do Brasil a 4 e 5 1/2 e 4 a 5 3/8 sch.

« Havre. » Apenas ven'erão-se 1:000 saccas do do Rio dos quaes 250 « não lavado » a cerca de f. s. 61, 59 por 50 kil.; 350 lavade de f. s. 71 a 78 e o resto a preço que não transprou.

« Trieste » O mercado estava muito frouxo. Em ser havião 83:000 quintaes.

« Lisboa » As transações e as entradas forão de pouca importancia. De azeite apenas se fizerão algumas vendas para o Brasil. Os preços sustentão-se regulando de 2:450 a 2:480 O sal vendia-se a 3:600 firme. De vinhos em consequencia das noticias que daqui levou o « Tamar » tinhão havido vendas a preços firmes, sendo procurado sobretudo o de boas qualidades.

« Bahia. » Cambio sobre Londr s 27 3/4 e 27 1/2 d. Paris 350 a 355. Hamburgo 655 a 660. Lisboa 100. De café tinha acabado a safra.

« Pernambuco. » Cambios erão nominaes — Deseontos de 10 a 12 % ao anno.

O bacalhão vendeu-se de 10:00 a 13:00. Carne secca de 4:000 a 5:400. A diminuição na mortalidade pela cholera ia reanimando o movimento commercial daquelle praça.

IMPORTAÇÃO.

Entrarão no nosso porto procedentes de paizes estrangeiros, desde 1 até 14 do corrente mez, 33 embarcações lotando 9,337 tons., sendo 2 vapores.

Entrou tambem um navio inglez da Bahia de 104 tons., com bacalhão da Terra Noya.

A cabotagem foi feita por 64 embarcações das quaes 14 vapores lotando 8,545 tons.

As entradas de generos de importação tem sido regulares mas as transações moderadas. — O azeite tem descido de preço cotando-se o do Portugal de 320 a 330:000 rs. por pipa. O bacalhão tem se vendido tambem a preços mais baixos em consequencia das grandes entr. das que tem havido do genero —

regularão as vendas de 9:00 a 10:700. A carne secca regula de 4:100 a 4:600. Ha em ser 70:000 arrobas da do Rio da Prata, e 20:000 da do Rio Grande.

A farinha de trigo, em consequencia de não ter havido entradas, os preços tem subido alguma cousa. A de Richmond cota-se de 31:00 a 32:000, Southern e Western 26:500 a 27:500 e a Europa de 22:00 a 23:000. Ha falta da de outras providencias.

EXPORTAÇÃO.

Sahirão desde 1 até 14 do corrente mez para os portos estrangeiros 37 embarcações lotando 13,748 tonelladas.

Sahirão mais para os portos do imperio 5 embarcações estrangeiras lotando 1,563 tons. — 2 em lastro, 1 com a mesma carga com que entrou, 1 com sal, e 1 com farinha.

A cabotagem deo nas sahidias 102 embarcações das quaes 10 erão vapores lotando 12,338 tonelladas.

CAFFÉ. — As vendas montão apenas a 20,000 saccas. — As entradas do interior continuão a ser mui diminutas. — O « Avon » trouxe noticias desfavoraveis em consequencia da pouca confiança que havia no commercio dos praças da Europa; essa falta de confiança que se manifestava contra todos os mais generos, era motivada pela incerteza em que estavam os animos quanto ao desfecho das conferencias de Pariz. — Parece-nos que, a grande porção de café que aqui se esperava, jamais virá ao nosso mercado, pois que estando nós no meio do mez de abril, periodo habitual das entradas em abundancia, continúa elle a chegar em mui pequenas quantidades.

Os embarques são de 58,600 saccas.

As entradas por cabotagem desde 1 até 14 são de 19,709 saccas.

As cotações são :

Lavado.....	5:600 a 6:200
Superior.....	5:400 a 5:600
1.ª boa.....	5:000 a 5:200
1.ª ordinaria....	4:800 a 4:900
2.ª boa.....	4:400 a 4:600
2.ª ordinaria....	3:700 a 4:000

ASSUCAR. — Os preços são :

Campos redondo..	3:900 a 4:000
« batião....	3:600 a 3:800
« mascavo... ..	2:900 a 3:200

CAMBIO. — Londres abriu 27 3/4 e fechou a 27 1/2 França : letras indirectas 348, e de 348 a 354 directas.

DESCONTOS. — Firmes a 8 1/2 e 9 %.

ONÇAS. — Venderão-se de 29:400 a 29:600.

AÇÕES. — O mercado tem estado muito animado.

FRETES. — Nada se tem feito.

RIO DE JANEIRO.

EMPRESA NACIONAL DO DIARIO.

Rua do Rosario n. 84.